

UMA VIAGEM AO PASSADO: CONVERSANDO COM OS MORTOS

No ano de Nosso Senhor de 2015, viajei em uma confortável carruagem, juntamente com alguns amigos, tendo como destino a cidade de João Pessoa, capital paraibana. Nossa visita a esse ilustre lugarejo tinha como finalidade o contato com os marcos históricos de nosso passado glorioso (ou não).

João Pessoa fora fundada pelos colonizadores portugueses e espanhóis em 1585, sendo a última região litorânea do Brasil a ser conquistada. A bravura dos indígenas rendeu ao governo luso enormes dores de cabeça. Mas, em meio a traição dos índios tabajaras, que se aliaram aos portugueses, os índios potiguaras – donos da terra – começaram a ser vencidos. Nascia Nossa Senhora das Neves, hoje conhecida como João Pessoa, sob o ar de uma cidade ao estilo da colonização espanhola.

Desembarcamos no Centro Histórico no dia três de maio desse mesmo ano. O clima estava bastante quente e por isso todos correram à procura de uma sombra. Encontramos com nosso guia. Ele iria nos acompanhar por esse passeio ao passado.



Figura 1: Prospetto della Città di Paraiba (1698). Vista da cidade de João Pessoa, então Parahyba, representada pelo pintor Andrea Antonio Orazi. Acervo biblioteca digital Luso- Brasileira.

A aventura nos subiu à cabeça e por isso pulamos o muro do antigo Hotel Globo que dispunha de uma vista sem igual do Rio Sanhauá. Por um segundo pude ver as tripulações lusas desembarcando de suas naus e direcionando-se a pequenina cidade. A imagem se desfez, o guia estava nos chamando, precisávamos continuar nosso trajeto.

O sol judiava de nós, mas o encantamento com o passado era mais forte. Chegamos a Casa da Pólvora e lá estava um soldado espanhol guarnecendo o local. De repente ele sumiu. Seria um delírio? Os desenhos na pedra calcária revelavam o capricho daqueles que construíram o local. Entretanto, continuamos, pois, o tempo era curto.

Chegamos a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves. A edificação era jovem, continha pouco mais de um século. Entretanto, sua primeira edificação remete ao ano de 1586, um ano após o tal “Tratado de Paz” selado entre o índio Piragybe e o português Martim Leitão. Observamos atentamente a realização da missa dominical e ainda pudemos ver alguns índios recém “convertidos” ao pé do altar. Mas, em poucos segundos eles desapareceram. Continuamos o nosso roteiro observando as ruas, que possuem um nivelamento e uma organização sem igual.

Visitamos a Igreja de São Bento. Ela estava fechada. Entretanto, a beleza expressa pelos seus portais e pela sua fachada encantou todos nós.

Em seguida, fomos a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde observamos a realização de outra missa. O teto do altar-mor desta era composto por pinturas ao estilo barroco rococó. Escutei alguns sussurros e percebi que haviam algumas sepulturas. Os homens que lá estavam me disseram que foram enterrados naquele local, por acreditarem que estariam mais próximos do céu. Um barulho me distraiu e os homens desapareceram, era o guia que estava a minha procura. Mais destinos estavam em seus planos.

Chegamos a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia e lá vimos uma moça, de aparência bastante humilde, despejando um embrulho na roda dos expostos. Tratava-se de uma criança. Ao nos ver ela correu e à perdemos de vista.

A primeira parte de nossa aventura chegava a seu último destino, estávamos na Igreja e Mosteiro da Ordem Terceira de São Francisco. De longe, já sentia um sentimento bom. Algo ali me chamara a atenção. Não sei bem descrever o que senti ao entrar naquele ambiente. Meus olhos se arregalaram e minha boca ficou aberta por alguns segundos. Senti aquilo que chamo de orgasmo intelectual, o que não tem nada de chulo como muitos insistem

em pensar. A arte barroca, também ao estilo rococó, me encantou. O brilho do ouro das pinturas me trazia um bem-estar e ao mesmo tempo um mal. Vi uma velhinha pobre despejando algumas moedas em uma velha caixa. Perguntei o que ela fazia e ela me disse que estava contribuindo para a construção da igreja. Nesse mesmo momento vi um homem, preso a alguns andaimes muito mal feitos, pintando o teto daquele templo. Perguntei seu nome, ele não me respondeu e sorrindo desapareceu. E nesse momento percebi que o sacro se edifica utilizando como argamassa o sangue e o suor de ilustres desconhecidos. A primeira parte de nossa viagem no tempo chegava ao fim, retornaríamos ao moderno para nos alimentar.

Após o almoço, nos dirigimos para o próximo lugar a ser visitado. Tratava-se da Fortaleza Santa Catarina. Logo ao chegarmos, alguns homens vieram nos chamar, precisávamos entrar logo, pois, os flamengos estavam se aproximando com suas naus. Ao som do disparo de canhão, pude ouvir os gritos de um homem ferido e o barulho dos inimigos às portas. Minha adrenalina já estava a mil, quando de repente tudo se desfez. Perguntei a todos o que havia acontecido, ninguém tinha visto nada do que vi. Pensei: estou louco! Mas meu pensar foi interrompido pelo chamar de nossa carruagem, nosso próximo e último destino estava a nossa espera.

Colocamos nosso transporte sob uma nau engraçada e em poucos minutos estávamos na outra margem do rio. Chegamos à Igreja de Nossa Senhora da Guia, em Lucena, e lá observamos aquele belíssimo templo caracterizado por uma arte ao estilo Barroco Tropical. O que chamou a atenção de todos foram as bocas de fogo e o velho portal, lacrado, que dava passagem ao antigo manicômio. Mas o que mais me chamou a atenção foi o cemitério em frente à igreja. Escutei algumas vozes, cheguei perto e pude ouvir alguns sussurros: me disseram que um dia todos nós nos juntaremos a eles...

Espero que minha narrativa não tenha cansado ao/a leitor/a, perdoe-me se em algum momento vacilei na escrita, apenas contei aquilo que os mortos e os vivos haviam me dito.

Thiago Acácio Raposo *

* Graduado em história pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e professor dessa mesma disciplina na Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Humberto Lucena. E-mail para contato: thiagoraposo20@gmail.com.

Crônica recebida em abril de 2016. Aprovada em outubro de 2016.